

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação Física

Orientador: Prof. Dr. Ademir De Marco

Aluna: Melissa Cecato de Marco

“AGRESSIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL (CRIANÇAS DE 0 A 6 ANOS): UM ESTUDO DE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA”

Campinas
2002



**Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação Física**

Disciplina: MH 506 Monografia II
Prof^a Responsável: Elizabeth Paoliello

**“AGRESSIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL
(CRIANÇAS DE 0 A 6 ANOS): UM ESTUDO DE
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA”**

Monografia a ser apresentada
como exigência parcial para
a obtenção da graduação em
Licenciatura em Educação
Física.

Campinas
2002

Agradecimentos

Aos meus pais, Fátima e Ademir, por sempre me apoiarem em minhas decisões e acreditaram em mim.

À minha irmã, Graziella, pela compreensão.

Ao Ricardo, pelo carinho, nesses últimos meses.

Ao meu orientador, professor e pai Ademir De Marco, pelo incentivo e acompanhamento do meu trabalho acadêmico.

Ao prof. Dr. Pedro Winterstein, que de forma indireta contribuiu para a realização desse trabalho, através da orientação da minha iniciação científica.

Aos meus colegas de turma (99), com os quais vivi momentos inesquecíveis durante esses 4 anos; a todos vocês meu carinho pela convivência.

A todos os meus amigos mais próximos; não só da FEF; agradeço por estarem ao meu lado em momentos difíceis e tentarem me ajudar e também em momentos inesquecivelmente agradáveis.

Aos professores da FEF que participaram da minha formação acadêmica.

E a todos com quem tive contato nesses 4 anos maravilhosos de minha graduação.

Resumo

Palavras-chave: Educação Física – Educação Infantil – Agressividade.

Atualmente em nossa sociedade, enfrentamos e debatemos um tema desestabilizador, que é a violência e a agressividade, que se refletem em diferentes meios e situações em nossa sociedade, inclusive na escola, interferindo desta maneira na qualidade do ensino nestas instituições. Como educadores físicos, profissionais da educação, devemos intervir no meio escolar, com o intuito de estudar, compreender e, eventualmente minimizar a agressividade nas crianças; através da Educação Física. Essa pesquisa objetivou buscar na bibliografia e em outros bancos de dados fatos relacionados à agressividade na criança inserida na educação infantil, cuja faixa etária é de 0 a 6 anos. Foram pesquisadas também as principais teorias da agressão e sobre educação física escolar. O método adotado foi da pesquisa bibliográfica, que consiste em buscar, localizar, selecionar e analisar criticamente informações sobre o assunto pesquisado nas diversas fontes disponíveis, livros, artigos, periódicos, Internet, dentre outros. Concluiu-se ao final da pesquisa, que um programa de educação física bem estruturado e direcionado no sentido de minimizar a agressividade em crianças da educação infantil, pode mostrar-se eficiente.

SUMÁRIO

• Introdução	04
• Justificativa	06
• Metodologia	07
• Capítulo1: Teorias da agressividade	09
• Capítulo2: Sobre a educação física escolar...	24
• Capítulo3: Agressividade em crianças participantes de um programa de educação infantil	30
• Conclusão	40
• Referências bibliográficas	42

Introdução

Ao longo dos meus quatro anos de graduação na Unicamp, tive a oportunidade de conhecer diversas áreas de atuação do profissional em educação física. Dentre elas, a que mais me empolgou foi a educação física escolar.

Durante algumas vivências que tive em escolas observei a existência de um problema que prejudica o desenvolvimento das aulas, principalmente na educação infantil; a agressividade. Esse problema é demonstrado em diferentes meios e situações em nossa sociedade, inclusive na escola, essa discussão passa a incomodar o meio acadêmico na medida em que, não apenas somos atingidos pelo aumento dessa violência enquanto cidadãos, mas principalmente em virtude de sermos futuros profissionais envolvidos com a docência e com a pesquisa na área das ciências humanas e da saúde, e essa possibilidade nos impulsiona a buscar alternativas para tentarmos resolver tais questões relacionadas à agressividade e violência, as quais apresentam sérios entraves à sociedade. Dessa forma, surge a indagação, como ter saúde num meio social tão hostil e perturbador? Como manter o equilíbrio físico e mental diante de situações estressantes que se tornam cada vez mais frequentes?

Diante dessa análise, passamos a refletir sobre o papel e as relações da Educação Física com essa realidade social que enfrentamos. Partimos da premissa de que a prevenção através da Educação Física é um meio eficaz no enfrentamento de um problema como esse, pois se criarmos condições favoráveis e positivas para que as crianças se desenvolvam em meio atento para essa questão, pensamos que poderemos estar contribuindo com as crianças para a formação de cidadãos conscientes e aptos a manterem saudáveis relações sociais quando adultos.

Considerando ainda que, a família constitui-se no núcleo central e inicial para a formação pessoal da criança, e que concomitantemente, a escola representa o outro meio social no qual a criança insere-se ainda no período relacionado com seu desenvolvimento psíquico, e, portanto sócio-afetivo, não podemos atuar erroneamente neste período, pois estaremos

contribuindo para a má formação dessas crianças, principalmente se esta também possuir má formação familiar, são nesses casos que nossa contribuição se justifica ainda mais.

Ainda mais se pensarmos que uma das principais teorias sobre o desenvolvimento da agressividade postula o modelo da aprendizagem social, ou seja, a criança aprenderia a ser agressiva a partir do momento em que encontra no seu meio social os comportamentos agressivos que lhe servirão de modelo. É o que verificamos muitas vezes em algumas situações no dia a dia de uma escola de Educação Infantil. Por outro lado, podemos também considerar, a teoria biológica, apresentando o pressuposto das tendências inatas da agressividade ou da não agressividade, que caracteriza as diferenças individuais dos seres humanos.

Portanto, objetivarei com esse estudo, buscar essas principais tendências teóricas que discutem tal problema, que é bastante contemporâneo para nós, e muito pertinente também, pois procurarei com esse trabalho, pesquisar sobre a agressividade no ambiente escolar; sua incidência; ambiente no qual provavelmente estaremos intervindo durante nossa vida profissional. Como o comportamento agressivo das crianças causa a interrupção da aula, para que a situação seja abrandada, o trabalho fica prejudicado, mais um motivo que me levou a pesquisar sobre o assunto para descobrir as razões da ocorrência desse comportamento e para melhor conhecê-lo e resolver as questões do dia a dia nas minhas aulas de educação física.

Meus estudos sobre a agressividade nas aulas de Educação Física se iniciou com uma pesquisa de iniciação científica, a qual conclui em junho de 2002. Naquela ocasião, foi testada a seguinte hipótese, se a Educação Física, através de um planejamento bem orientado, poderia intervir de modo positivo para a diminuição nos comportamentos agressivos dos alunos. Após um ano de intervenção junto aos alunos da Educação Infantil, do PRODECAD/UNICAMP, constatou-se que um programa de Educação Física devidamente planejado, pode contribuir com a diminuição dos comportamentos agressivos de crianças da Educação Infantil.

Justificativa

Vivemos em uma época crítica no que diz respeito à violência, que assola nossa sociedade através de cenas bárbaras de assaltos, crimes, sequestros, dentre outras, que já estamos cansados de saber. E é justamente por essa ocorrência enorme de violência e agressões, que esses fatos já estão caindo na banalidade, nós estamos nos acostumando, o que não pode acontecer, temos que nos mobilizar para minimizar esse quadro grave, que é objetivo de preocupação tanto por parte do poder público e dos cientistas sociais, como da sociedade brasileira em geral.

Essa violência penetra no âmbito escolar afetando-o, vide o caso em que alunos levam armas para a escola e atiram em colegas e professores, caso extremo de agressão no ambiente escolar, caso este, que já vem ocorrendo no Brasil. Não podemos negar que esse é um fenômeno derivado, que se reflete da sociedade para a escola, mas entendo que nós profissionais da educação devemos atuar, principalmente na educação infantil, onde se encontram as crianças em fase de formação histórico-político-social, momento em que a criança começa a formar sua personalidade, o seu pensamento crítico frente à realidade, o seu comportamento emocional e seu raciocínio lógico, procuraremos então, através de um levantamento bibliográfico sobre esse problema da agressividade na escola, contribuir para uma visão atual do mesmo e de sua relação com os profissionais da área de Educação Física.

Pensando em todas as implicações negativas advindas dessa violência, há necessidade em contribuir para um futuro mais digno da nossa sociedade, lançando mão de todo o embasamento científico, de todo o registro bibliográfico sobre violência e agressão nas escolas. Pois se acredita que nós, profissionais da área da Educação, apesar de sabermos da existência de casos de agressividade no ambiente escolar, não estamos tão certos assim da gravidade e das implicações que tais fatos trazem ao processo educacional das crianças, e é exatamente com isto que pretendo contribuir com esse estudo.

Metodologia

A metodologia utilizada nesse trabalho, foi o método de revisão bibliográfica, pois acredito ser o mais coerente para o desenvolvimento da pesquisa que me propus realizar.

O trabalho de revisão bibliográfica, de acordo com Carvalho (1989), consiste na atividade de localização e consultas de fontes diversas de informação, para coletar dados gerais ou específicos a respeito de determinado tema, para isto deve-se ter claro e definido o tema de pesquisa, o que se quer saber sobre determinado assunto, sem que esse tema seja muito amplo, o que dificultaria a pesquisa. Do ponto de vista prático, a pesquisa bibliográfica pode ser segmentada em quatro fases, busca, localização, seleção e análise crítica sobre o assunto pesquisado.

É muito importante ressaltar que a revisão bibliográfica não pode e não deve ser uma mera reprodução mecânica de conhecimentos, de dados coletados, o que seria uma enorme perda de tempo, pois subentende-se por pesquisa, um acréscimo de novas informações sobre determinado assunto, uma contribuição à sociedade, geralmente, as pesquisas surgem a partir de problemas, de indagações, para as quais não se tem resposta ou nem mesmo intenção de resposta, como recordou Paulo Freire: “Na verdade nenhum pensador, como nenhum cientista, elaborou seu pensamento ou sistematizou seu saber científico sem ter sido problematizado, desafiado”. (FREIRE, Paulo, 1979, p.54).

Após a escolha do tema, devidamente delimitado, inicia-se uma localização da bibliografia, a fim de tomar consciência do material disponível, neste momento, cabe também uma identificação do que será e do que não será útil na bibliografia localizada, e de posse delas, iniciar a compilação e fichamento das informações relevantes.

Feito isto, após ler a bibliografia e selecioná-la, faz-se à análise crítica e uma interpretação do material coletado, o que exige mais que uma simples leitura, deve-se dialogar com o autor, compreender o que ele escreve, as suas idéias e então a partir daí tomar uma posição,

concordar ou discordar do material lido, se utilizando, neste momento, de opiniões pessoais e centrando sempre a atenção no problema a ser pesquisado.

Passa-se então, para o último passo da pesquisa bibliográfica, que é a redação do texto do próprio pesquisador; o qual escreverá com suas próprias palavras, o que concluiu dos estudos bibliográficos; contendo as reflexões e possíveis conclusões.

A bibliografia localizada, se constituiu por diversos bancos de dados disponíveis; acervos das bibliotecas da Unicamp e Internet. Os livros de MOSER (1991), A agressão; MEGARGE E HOKANSON (1976), A dinâmica da agressão: análise de indivíduos, grupos e nações; MONTAGU (1976), A natureza da agressividade humana e AUWEELE; BAKER; DURAND; BIDDLE e SEILER (1999), Psychology For Physical Educators, foram bibliografias básicas da pesquisa sobre as teorias da agressão. Sobre a educação física escolar a bibliografia de base foi o livro de PICCOLO (1995), Educação física escolar: ser... ou não ter?. Já na pesquisa sobre a agressividade em crianças da educação infantil, a bibliografia básica se constituiu pelo banco de dados da Internet, pude perceber que tornaria minha pesquisa mais rica e atualizada, utilizando as diversas informações disponíveis na rede. Notei que se selecionasse criteriosamente os materiais, poderia obter informações relevantes. Sendo assim o levantamento na Internet, foi a base da minha pesquisa para esse capítulo.

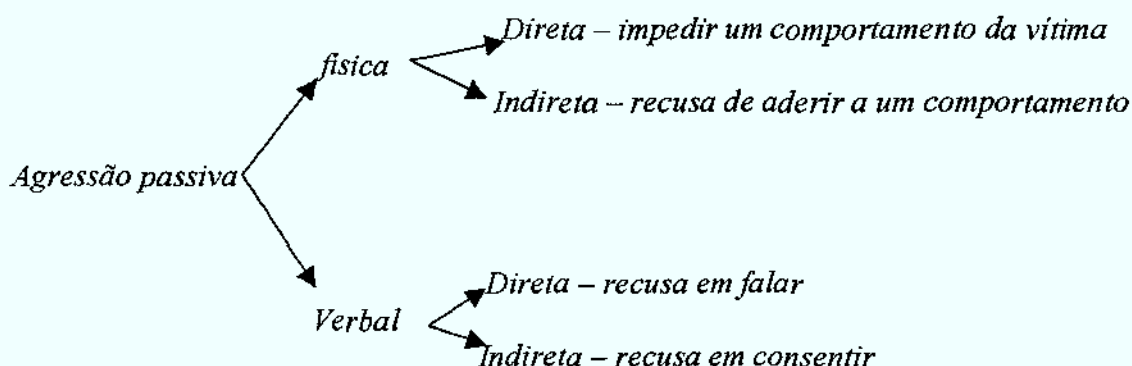
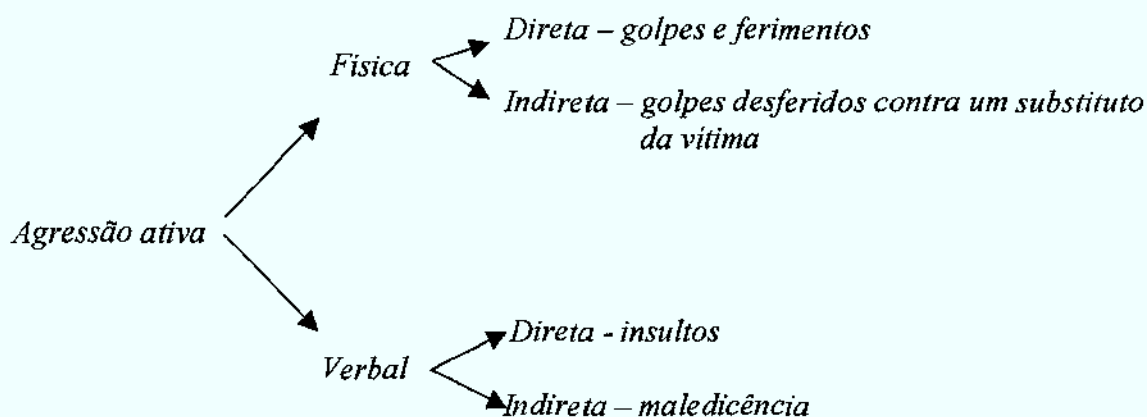
Capítulo 1: Teorias da Agressividade

Ao tentar definir a agressão, perceberemos que não existe uma definição consensual, cada pesquisador da área possui a sua visão sobre o assunto, pois nessa definição subjetiva estão envolvidos vários fatores: estereótipos, valores, as condições de ocorrência, o julgamento circunstancial e subjetivo, contextualização, dentre outros. Não se pode esquecer do aspecto que se quer enfatizar ao analisar um ato agressivo, se será a partir do agressor, do agredido ou do observador. A definição para cada um desses aspectos também se diferencia, pois partindo do agredido toda e qualquer ação de uma outra pessoa que lhe provoque algum tipo de dano é um ato agressivo. Sob o enfoque do agressor, o que se considera é o motivo que o levou a agir de tal maneira e o objetivo a ser alcançado com determinado comportamento. Ao se pensar na atribuição de intenção a um comportamento, percebe-se que esse assunto divide opiniões entre os psicólogos, os “behavioristas” não consideram o fator intenção, motivo, e definem agressão como todo e qualquer comportamento que prejudica alguém e que é proferido de maneira nociva, ferindo o outro moral ou fisicamente. Dois importantes representantes dessa corrente são: Buss e Bandura. Já os neocomportamentalistas, consideram o fator intenção em suas definições de comportamento agressivo, portanto, os autores dessa corrente definem agressão como a tentativa, a intenção de ferir outra pessoa, mesmo que a ação não seja de fato realizada. Importantes representantes dessa corrente são: Dollard, Berkowitz e Zillmann.

Esse comportamento que para o agressor é justificável, pode não ser para o agredido, por isso, uma contextualização social dos acontecimentos se faz importante, contextualização esta que os comportamentalistas e os neocomportamentalistas negligenciam. Porém alguns autores da corrente cognitivista consideram o contexto social da ação, pois acreditam que para um comportamento ser classificado como agressão, o julgamento deve ser de um observador, o qual analisará a questão, se há ou não violação de normas, no caso sociais.

A agressão pode se apresentar de diferentes formas, vários autores propuseram classificações para a agressão, dentre eles temos Buss (1961) e Feshbach (apud THIRER, 1993, p. 365-375)

Tipos de agressão (classificação de Buss – 1961)



Feshbach (apud THIRER, 1993, p. 365-375), apresentou sua classificação, introduzindo uma dimensão motivacional, ele trata da diferenciação entre agressão hostil e instrumental.

Agressão hostil é aquela proferida com a intenção de ferir, atingir o outro, já a agressão instrumental é aquela em que a intenção não é causar o mal, ferir o outro, mas sim, conseguir algo, atingir um objetivo através do ato agressivo. Um outro tipo é mencionado por Feshbach, a agressão expressiva, onde o fim de um comportamento agressivo acaba em si mesmo, é um comportamento não reativo, seria o desejo de externar a agressividade.

Bandura (apud PORTO et al., 1997, p.35) criticou essa classificação de Feshbach, afirmando que tanto a agressão hostil como a instrumental são direcionadas a fins precisos e identificáveis, sendo assim o que as distingue é a diferença de fins. Deste modo, para ele a agressão hostil é também instrumental, assim como a agressão instrumental propriamente dita.

Feshbach ainda propõe a diferenciação entre agressão socialmente motivada e individualmente motivada. Ela é socialmente motivada quando se dirige a fins lícitos e socialmente aceitos, em relação às normas, dentro de um grupo ou uma sociedade.

Além dessa classificação em tipos, no que diz respeito aos estudos sobre o tema agressão, também encontraremos várias teorias, de diferentes autores.

- Dollard, Doob, Miller, Mowrer & Sears (apud PORTO et al., 1997, p. 33)

Esses autores entendem como agressão, uma ação dirigida a uma pessoa ou objeto, com o objetivo de causar danos, prejuízo a este. Eles tratam do fator frustração, acreditando que este traz incitação à agressão, que sempre existe uma frustração por trás de um comportamento agressivo.

No que diz respeito a incitação, eles consideram que, quanto maior for a força do impulso agressivo, maior é a incitação para a agressão. Se essa incitação se torna forte devido a um fator frustrante, provavelmente a agressão se dirigirá ao elemento causador da frustração e se essa agressão for bloqueada, haverá intensa transferência da agressão.

- Neal Miller (apud PORTO et al., 1997, p. 34)

Miller acredita que a agressão não é causada apenas pela frustração e que a agressão não é a única consequência da frustração. Para ele as formas de agressão e a expressão da agressão podem ser alteradas pela aprendizagem. A agressão pode ser expressa de diferentes e diversas formas.

Ele acredita na possibilidade de uma base inata para a agressividade, porém o grau em que ela ocorre, dependerá da circunstância, da incitação e suas formas de expressão são sujeitas à aprendizagem.

- **Konrad Lorenz** (apud PORTO et al., 1997, p. 34-35)

Lorenz, afirma que, “existe uma distinção entre a agressividade individual (dentro de uma sociedade) e a agressividade coletiva de um grupo étnico contra outro. Mas, mesmo sendo diferentes, a agressividade individual e grupal são dirigidas pelo reforço social. Por sua inserção na cultura, o homem possui programas inatos como base de todo comportamento social assim como uma superestrutura culturalmente determinada sobre eles.”

Lorenz acredita em uma auto-gratificação trazida pela agressividade, a questão colocada é se ao propiciar às pessoas um substituto à agressão destrutiva, estaremos aumentando a agressividade ou se tal substituição agirá como catarse.

- **Albert Bandura** (apud PORTO et al., 1997, p.35)

O estudo de Bandura se desenvolveu com crianças, ele analisou antecedentes familiares de agressão. Ele descobriu que o que determinava a frustração eram os modelos familiares de agressão exibidos tanto em casa como fora dela.

Ele desenvolveu estudos em laboratório para examinar quais são os efeitos de modelos agressivos sobre o comportamento das crianças. Ele se interessou pela questão da aprendizagem observacional e da modelagem.

Para ele uma teoria da agressão deve tratar de três pontos importantes:

- 1) Como o comportamento foi adquirido: através de exemplos, de experiências, interações com fatores estruturais.
- 2) O que elicia a ação agressiva: experiências aversivas, insultos, ataques físicos, oposição na obtenção de uma meta, reduções na qualidade de vida; fatores que incomodam a pessoa.

- 3) O que mantém o comportamento através do tempo: reguladores do comportamento agressivo: status, recompensas materiais e sociais proporcionadas.

Algumas vezes as pessoas agredem mesmo sob o risco de punição, pois tendo opções limitadas e sendo os benefícios da agressão grandes, as pessoas agredem.

- **Berkowitz** (apud PORTO, et al., 1997, p. 36)

Berkowitz atribui a agressão à raiva, quando agride a pessoa tem a intenção de ferir alguém, assim como Miller, Berkowitz não acredita que toda agressão surja de frustrações.

Ele afirma que a catarse não diminui o comportamento agressivo.

Berkowitz discorre sobre quando ocorre a “agressão crônica”, “há a intenção de executar um ato agressivo mas não há oportunidade de cometê-lo, “acumulando-se a agressão no indivíduo” e deve haver uma resposta-meta para que a instigação diminua” (apud PORTO et al., 1997, p. 36)

Ele aponta outros fins da agressão, que não a agressão em si, como por exemplo: obtenção de status, prestígio ou dinheiro.

A agressão ainda pode ser observada quanto as maneiras que surge e se manifesta:

1-) Manifestação psicológica: É quando está ligada à fatores frustrantes, que causem raiva, ao reforço e punição.

2-) Manifestação biológica: Quando o entendimento da agressividade se dá pelo fator inato.

3-) Manifestação social: Aqui são considerados diferentes aspectos dessa manifestação, as influências de :

- Aprendizagem observacional;
- Modelagem (família, grupos de convivência, televisão e outros);

- Grupos sociais étnicos, ambiente sociocultural de inserção do indivíduo;
- Classes sociais diferentes;
- Preconceito étnico

4-) Manifestação política: Ocorre a luta pelo poder e pelo status que a pessoa almeja alcançar.

Apesar dessa classificação das diferentes maneiras de manifestação da agressividade, não se deve esquecer que todas elas estão interligadas nas possíveis situações que o indivíduo possa viver, essa interligação pode ocorrer de maneira direta ou indireta.

Também se fez necessária a procura bibliográfica sobre o “inato”, a questão da agressividade inata.

Convém iniciar esse assunto com a afirmação de Lorenz, “ O inato, é o que é determinado pelo projeto cromossômico que reage seletivamente a certos estímulos com a mensagem certa, a qual determina organizações igualmente adaptadas para manejar essa situação. Esses determinantes inatos, são produzidos por processos evolutivos.” (apud MONTAGU, 1976, p.64).

Essa afirmação de Lorenz sobre o “inato”, só leva em consideração o fator orgânico, intrínseco ao ser, ele não leva em consideração a interação dos genes com o meio ambiente, interação esta que através de vários estudos foi constatada como verdadeira. Os efeitos dos genes, do fator inato, depende também da influência do meio em que o indivíduo está inserido. “ Os tipos de relação em que a constituição genética pode entrar dependem do contexto ambiental existente. O meio ambiente não é simplesmente um apoio benigno, mas está ativamente envolvido na determinação da própria estrutura e da organização de cada sistema de reação.” (Montagu, 1976, p.66).

Percebe-se que a afirmação de Lorenz sobre o assunto foi o que estimulou outros estudiosos da área a buscarem informações mais detalhadas e coerentes sobre o inato.

Ao tratar do ambiente escolar, pode-se dizer que a escola é um dos principais ambientes onde a criança aprende, tem referências de modelos comportamentais. Se este ambiente favorecer um desenvolvimento social saudável, baseado no desenvolvimento das habilidades de se relacionar bem com os outros, de trabalhar de maneira eficiente em grupo e de saber contornar conflitos e tensões interpessoais, a criança provavelmente será um adulto equilibrado socialmente.

Uma turma, uma classe de alunos é mais que uma simples “coleção” de indivíduos, nessa turma existem a todo instante interações sociais, a classe se caracteriza como um microsistema social dentro de um sistema social maior, composto pela escola, pelo distrito escolar, pela comunidade local, enfim, por qualquer sistema maior em que a criança possa interagir. Porém, uma classe possui seu subsistema próprio, portanto o que ocorre dentro da sala de aula é determinado pelo clima da própria classe, é consequência das ações desses alunos.

Interações sociais saudáveis, harmoniosas ocorrem se um indivíduo possui a capacidade de saber o que seu parceiro social pensa e sente e se ele consegue prever como o outro pode se comportar. As pessoas não nascem com essa habilidade, ela é desenvolvida lentamente durante os anos, mais especificamente, durante a infância e o início da adolescência.

No que diz respeito ao desenvolvimento da percepção interpessoal, crianças da educação infantil, descrevem os outros maioritariamente em termos físicos, ocasionalmente elas utilizam características psicológicas simples como, por exemplo; bom, ruim; entretanto não fazem comparações entre os comportamentos das pessoas.

O desenvolvimento cognitivo/social de uma pessoa está relacionado com a capacidade dessa pessoa de entender as diferenças entre o seu próprio ponto de vista e o de outros, ela tem que ter em mente que freqüentemente encontrará pessoas que pensam de maneiras diferentes e ela tem que ter a capacidade de distinguir e relacionar esses diferentes pontos de vista, o que é diferente da empatia, que é a capacidade que uma pessoa tem de se colocar no lugar da outra, sentir o que ela sente, assumir sua perspectiva.

Crianças da educação infantil podem possuir uma rudimentar habilidade de entender o outro, o sentimento e pensamento alheio, porém isso ocorrerá de forma egocêntrica, pois a criança de três a seis anos ainda é egocêntrica. Nesta idade a criança possui um desenvolvimento cognitivo em termos sociais, em fase inicial, incompleto, mas existente.

Vários autores pesquisaram e escreveram sobre o desenvolvimento humano, um deles foi Piaget (1978), que escreveu sobre o desenvolvimento da criança, do ponto de vista cognitivo. Ele classificou esse desenvolvimento em estágios: estágio sensório-motor (0-2 anos aproximadamente), primeira infância ou estágio pré-operacional (2 à 7 anos, mais ou menos), estágio operatório concreto (7-11 anos) e estágio operatório formal (11-12 anos em diante). Sendo o público alvo da pesquisa, crianças situadas no estágio pré-operacional, me aprofundarei neste. A criança do estágio pré-operacional já é capaz de; mediante sinais, símbolos e signos; representar os objetos do seu universo, ela não está mais presa somente às ações reais, as quais reduzia todas as atividades do bebê. A criança nesta fase é egocêntrica, centrada apenas no seu ponto de vista, tanto nas atividades cognitivas como nas afetivas. Socialmente, a criança não consegue a descentração, não consegue uma coordenação com as ações de outrem, isto por causa do enclausuramento no próprio ponto de vista. Espera-se a aparição de tais características, em crianças que passaram sem problemas pelos estágios anteriores, em uma continuidade funcional que identifica o persistente processo de desenvolvimento infantil.

Existem evidências de que bebês ao ouvirem um outro chorar, choram também, isso mostra que os bebês apesar de não serem capazes de entender completamente o sentimento do outro, podem confortar o outro, só que isso ocorre de maneira egocêntrica, do modo que ele próprio acha viável e não do modo que o outro realmente precisa.

Evidências de desenvolvimento cognitivo social, aparecem no início da educação infantil, continuando durante o período do ensino fundamental.

Outro ponto importante no desenvolvimento infantil, é o altruísmo, a capacidade de ajudar o próximo quando este necessita. A prática do altruísmo em uma pessoa deve ser

desenvolvida cedo, no início da infância. Sendo assim, a família e a escola podem ser instituições facilitadoras na aquisição da postura altruísta na criança.

Várias teorias mencionam o desenvolvimento do altruísmo, como por exemplo; a teoria biológica defende que o altruísmo é geneticamente determinado, já a teoria psicanalítica defende ser esse desenvolvimento atribuído à consciência da própria pessoa, a teoria da aprendizagem social e a teoria do desenvolvimento cognitivo acreditam na prática educacional. Teóricos da corrente cognitiva (Eisenberg, Lennon, & Roth, apud MARCOEN, 1999, p.302), focam suas atenções nas influências do desenvolvimento cognitivo como um todo, para a ocorrência do comportamento altruísta. Eles relacionam os estágios de desenvolvimento cognitivo de Piaget com a ocorrência do altruísmo em crianças e adolescentes.

No que diz respeito aos fatores que influenciam no desenvolvimento do altruísmo, temos os pais, os quais na maioria das vezes tentam estimular o altruísmo nos seus filhos, a escola, que também se preocupa em ensinar boas maneiras aos alunos, ensinar que devem ajudar o próximo, dentre outros.

Quanto à influência dos pais e professores, constatou-se que esta só é efetiva através de exemplos práticos e não de explicações verbais. Essas pessoas servem de exemplo para a criança, então, consequentemente, o que elas fazem surte efeito no que as crianças fazem.

A agressão é um problema que os professores enfrentam na escola e que merece atenção especial, pois algumas situações em aula provocam o comportamento agressivo nos alunos, consequentemente, devemos saber como lidar com tal comportamento.

Considerando a perspectiva comportamental, agressão é toda ação que proporciona um estímulo em outro organismo. A agressão pode ser hostil ou instrumental. É hostil quando o agressor tem realmente a intenção de atingir o outro e é instrumental quando a intenção do agressor não é atingir a pessoa, mas sim atingir um objetivo, uma meta, através da agressão.

A agressão é um instrumento para o agressor conquistar um objeto, um território ou alguma vantagem, privilégio (Marcoen, 1999).

Alguns pesquisadores afirmam ser a agressão, um julgamento social, que depende de vários fatores, sendo um deles a interpretação. Por exemplo, uma professora em sua aula pode não chamar de ato agressivo, algumas ações rudes de um colega para com o outro durante um jogo, porém se o mesmo ocorre entre garotas, ela pode chamar de agressão.

A teoria instintiva considera a agressividade como um instinto inato, o qual pode ser canalizado de maneiras aceitáveis socialmente, como por exemplo através do esporte e de exercícios. Porém esta e a teoria da catarse para reduzir a agressão, possuem pouco suporte atualmente (Thirer, 1993). Teóricos da aprendizagem contribuem para o entendimento da agressividade e do comportamento antisocial, teorias estas, as quais já foram citadas. Por exemplo, Berkovitz, Bandura, Dollard, Miller, Sears, dentre outros.

No que tange a agressividade na educação infantil, Shaffer (apud MARCOEN, 1999, p. 293-320), trata das mudanças que ocorrem na frequência do comportamento agressivo

Ele diz que a ocorrência de mau comportamento diminui por volta dos quatro anos de idade e de um modo geral durante a educação infantil toda, ele também diz que a frustração relacionada com agressão, dos dois aos três anos de idade, está relacionada com a exteriorização de autoridade por parte dos pais.

Quanto ao sentimento de vingança à alguma agressão ou frustração, o autor diz que este aumenta dramaticamente aos três anos, porém, crianças mais velhas tem maior tendência em se comportar agressivamente por razões de conflitos com irmãos ou colegas. A forma de agressão utilizada por crianças de dois ou três anos é bater com as mãos ou chutar, de um modo geral, essa agressão é instrumental, no sentido de disputar a posse por algum brinquedo. Crianças maiores mostram agressões psicológicas e verbais. Por fim, ele diz que interações agressivas diminuem entre os três e os cinco anos, esse declínio se deve ao fato

de que nesse momento da vida escolar, as crianças recebem maior carga de esforço dos pais e professores no sentido de ensinar-lhes a resolver conflitos pacificamente.

Diferenças entre indivíduos, no que se refere à agressividade também influenciam, por exemplo, meninos que agem mais agressivamente do que meninas e isto se deve a conjunção de fatores biológicos e sociais, sendo que diferenças hormonais também influenciam. Porém a influência social deve ser bastante considerada, pois o modo como um pai cria um filho e uma filha é diferente. Pode-se dizer que, geralmente o menino é criado para apresentar um traço de agressividade, já a menina não (Marcoen, 1999).

A influência dos pais na educação de uma criança é de suma importância, o modo como as trata principalmente. Um pai que não demonstra atos de carinho, amor para com seu filho, um pai que rejeita a criança, que não se mostra interessado nas coisas que dizem respeito à vida do filho, está criando um adulto potencialmente agressivo no futuro.

As crianças não agem todas do mesmo modo no que diz respeito à agressividade, elas não são todas igualmente agressivas e além desses fatores já citados acima, temos a questão cultural para considerar, cada cultura trata esse assunto diferentemente, umas com mais agressividade em seu modo de viver, outras menos.

Crianças potencialmente agressivas, podem trazer isto da família, pois elas aprendem esse tipo de conduta em casa, primeiramente. Ao pensar na escola, quando elas estão ingressando nesse segmento da sociedade, deve-se considerar que neste momento os professores podem e devem intervir, no sentido de mudar isto, ensinar a criança a se relacionar de forma pacífica, adequada. Shaffer (apud MARCOEN, 1999, p. 293-320) apresenta quatro maneiras de se fazer isto: o professor deve agir de modo a eliminar situações que provoquem agressão;

conduzir e criar estratégias; criar um ambiente de jogos não agressivos e possibilitar que a criança seja capaz de se utilizar da empatia para com as vítimas de possíveis agressões.

Ainda pensando na influência dos professores no controle da agressividade, Shaffer (apud MARCOEN, 1999, p. 293-320), também defende, que o educador não deve punir e interferir sempre na ocorrência de comportamentos agressivos, pelo contrário, ele deve ignorar o agressor e recompensar atos de não agressão, atos de companheirismo. Deste modo, crianças que agem agressivamente para chamar atenção, não atingirão o seu objetivo através da agressão. Porém, quando determinado comportamento se torna perigoso para outra criança, o educador deve interferir no sentido de que a outra não se machuque.

Essa técnica, da não punição, se torna eficaz somente se o comportamento adequado socialmente, for recompensado.

É importante ressaltar que o esforço do educador em inibir comportamento agressivo na criança, pode não ser bem sucedido, pelo fato da possibilidade de tal comportamento ser reforçado em casa.

Em suma, agressividade se mostra um fenômeno multifacetado. Vários pesquisadores tentam explicá-lo, segundo suas crenças e conhecimentos. A teoria instintiva não obteve muito sucesso nessa explicação, já a teoria da frustração-agressão teve boa influência no assunto, assim como as teorias da aprendizagem social.

A interação social entre professor/aluno e aluno/aluno também é um outro fator importante a ser observado nas aulas de educação física. Para o senso comum, interação social é todo processo de influência entre pessoas agindo numa dada situação. Um conceito mais restrito, define interação social, como sendo uma forma direta do processo de influência. Cada membro do grupo tem a possibilidade de se comunicar com os outros membros. Dificilmente todos se comunicarão ao mesmo tempo, por isso observa-se a formação de subgrupos se comunicando de várias formas.

Alfermann (1999) e outros pesquisadores dividem essa interação em, influência simétrica e assimétrica. No caso da influência simétrica, os parceiros são independentes um do outro, mas influenciam um ao outro com a mesma intensidade, já na assimétrica, existe um líder e

seus seguidores, indicando que uma relação desigual existe, a influência se dá em diferentes intensidades.

Na educação física, aspira-se que o professor influencie mais os alunos do que os alunos o professor, porém esta é uma relação quase simétrica.

A aula de educação física se diferencia das outras disciplinas, não somente pelo conteúdo, mas também pelas interações sociais que nela ocorrem. Nessa aula a possibilidade de análise dessas interações sociais é mais propícia.

A interação social entre indivíduos de sexo diferente, não ocorre com frequência, a não ser se as crianças forem forçados a tal tarefa. Somente em séries escolares mais avançadas se encontra essa mistura ocorrendo naturalmente.

Entretanto o contexto social da turma é uma variável importante, influenciando os resultados, no que se refere aos estudos sobre esse assunto.

Como já foi dito anteriormente, os alunos aprendem através dos exemplos do professor, isto não é diferente aqui, no caso da interação social, o professor é um modelo e não deve esquecer disso se quiser influenciar intencionalmente a interação social.

Os alunos podem influenciar o comportamento do professor, sem ele ao menos perceber, nota-se que a interação social na educação física é uma via de duas mãos.

Outro tema que também merece atenção nesse trabalho é o que se refere a cooperação e competição nas aulas de educação física. A teoria de Deutsch (apud LAFONT, 1999, p.381) defende que uma situação pode ser classificada como cooperativa, quando a realização de um objetivo por uma pessoa, é correlacionada positivamente com a realização do objetivo de outros membros do grupo. Ao contrário, uma situação é competitiva, quando a realização do objetivo de um indivíduo, faz com que o objetivo do outro não seja atingido.

Uma outra teoria, proposta por Kelley e Thibaut (apud LAFONT, 1999, p.381), se baseia na motivação extrínseca e em sistemas de recompensa, nesse caso, cooperação ocorre quando a recompensa atribuída a um indivíduo é diretamente proporcional a produção do grupo. Na competição, determinados indivíduos recebem grande recompensa, enquanto outros recebem pequena recompensa.

Em uma aula de educação física, cooperação e competição ocorrem juntas, simultaneamente.

Estudos baseados na teoria de Vygotski e em psicólogos sociais do desenvolvimento cognitivo, enfatizam a existência de dois tipos de interações, simétrica e assimétrica. A simétrica é aquela em que os colegas de trabalho estão em um mesmo nível de desenvolvimento, de habilidade e o mesmo “status”. No caso da interação assimétrica, os colegas não se encontram em um mesmo nível de desenvolvimento. Estes mesmos estudos tratam da importância da ocorrência das interações assimétricas entre colegas de classe ou entre professor e aluno, pois nesse tipo de interação, aquele que possui mais experiência e conhecimento, tem muito a ensinar ao outro. É uma espécie de tutoria, em que o conhecimento do tutor propicia o progresso do iniciante.

Experimentos têm mostrado que a tendência de um indivíduo possuir o sentimento de revanche a um possível rival cresce juntamente com o aumento da idade (Knight & Kagan, apud LAFONT, 1999, p. 394).

Porém um outro estudo de Kagan e Madsen (apud LAFONT, 1999, p. 394), constata diferenças entre culturas no que diz respeito a cooperação e competição. Entretanto, o contexto escolar se mostra muito importante, pois foi constatado que crianças de sete a nove anos, através de instruções cooperativas ou competitivas, são capazes de mudar suas estratégias complacentemente.

De posse desse conhecimento e ainda lançando mão de sua criatividade, um professor pode planejar cuidadosamente aulas de educação física que propiciem a ocorrência de momentos cooperativos e competitivos no momento e na medida certa.

Capítulo 2: Sobre a Educação Física Escolar...

Snyder (1993), descreve a escola como um local que deveria ser prazeroso, sendo que os professores deveriam possibilitar que o aluno viva a alegria de ser criança e como tal, também saiba aprender.

Cada vez mais, autores que escrevem na área da Educação Física; como os citados nesse capítulo; afirmam que esta deve ter como alvo ultrapassar os limites do físico e alcançar uma formação social e psicológica, resultando num nível adequado de consciência, e isto atuando nos diferentes níveis da estrutura psicológica do ser humano. Deve-se realizar atividades que exijam execução de atos motores, elaboração cognitiva e a integração sócio-afetiva.

Na visão de Le Boulch (1986), a Educação Física deve ser pelo movimento e não do movimento, pois sendo assim ela se torna global, pois as atividades motoras vão exigir que se exercite também a cognição e a integração sócio-afetiva na criança. Já o termo educação do movimento, implica em trabalho que prioriza o biológico, o rendimento, a adequação da postura corporal em movimentos esportivos.

Hildebrandt (1991), defende a abertura das aulas de Educação Física, despertando a criatividade e sensibilidade da criança, para isto o professor deve determinar os aspectos gerais da aula, deve dar as instruções das atividades, mas no desenrolar da aula deve deixar os alunos livres, para que criem e modifiquem e que participem efetivamente da aula. Para que aconteça esta participação, os alunos devem estar motivados, o que é imprescindível para a aprendizagem. Deve haver compatibilidade entre o que é proposto e o potencial da criança, pois se ela percebe que determinada atividade é fácil demais, ela pode se desinteressar, ou então pode abandonar, caso a mesma apresente extremo grau de dificuldade, o que pode causar frustração na criança.

Segundo Moreira (1995), em sua maioria, as aulas não respeitam a individualidade do aluno, se tornam aulas mecanizadas, o professor planeja e apenas aplica, a mesma aula é

desenvolvida em contextos variados e totalmente diferentes uns dos outros, isto acarreta que em vários casos a aula provavelmente não é adequada.

Porém, segundo Piccolo (1995), as aulas de educação física deveriam proporcionar o desenvolvimento das habilidades de cada aluno, formando-o como indivíduo crítico, criativo, participante, com condições de interferir na sociedade.

Não podemos nunca esquecer de considerar os conhecimentos com os quais o aluno chega à escola, como afirmou Daolio (1995), o acervo cultural que eles trazem de suas vidas, de suas vivências na rua. O aluno não chega à escola vazio. Seus conhecimentos podem não ser sistematizados, pois trata-se de conhecimento do senso comum, e as aulas se tornam muito mais interessantes e efetivas, se partirem do que eles já conhecem, para só depois propor-lhes desafios.

A criança para se sentir motivada, precisa ser desafiada, mas deve-se atentar ao fato de que esse desafio tem que estar ao alcance de resposta da criança, deve-se considerar o seu nível de desenvolvimento. Quando se fala em desenvolvimento, deve-se lembrar de Piaget (1978); autor que já foi citado no capítulo anterior; ele classificou em estágios o desenvolvimento da criança: estágio sensório-motor (0-2 anos aproximadamente), primeira infância ou estágio pré-operatório (2 à 7 anos, mais ou menos), estágio operatório concreto (7-11 anos) e estágio operatório formal (11-12 anos em diante). Em cada estágio a criança se encontra em um nível diferente de desenvolvimento, caracterizado pelo surgimento de novas formas de organização mental. Um estágio é sempre integrado ao outro. A criança passa de um estágio ao outro quando seu modo de agir e pensar não são mais suficientes para a resolução de problemas que surgem na sua interação com o meio e é nesse momento que ela acaba por construir modos de pensar e agir mais elaborados que os da fase anterior. Vale ressaltar que cada criança, cada ser humano, tem o seu ritmo de desenvolvimento, uns podem ser mais rápidos que outros. No estágio pré-operatório; que caracteriza a faixa etária estudada nessa pesquisa; a criança se torna apta a tratar objetos como símbolos, através de representações. A criança inicia o desenvolvimento dos primeiros raciocínios, pré-lógicos. Nessa fase também ocorre o desenvolvimento ativo da linguagem da criança, o qual se

inicia aos 2 anos de idade. A criança do estágio pré-operatório é egocêntrica, presa às ações, a visão de realidade da criança parte do próprio eu, a criança não concebe um mundo do qual ela não faz parte. Quanto ao caráter social, ela começa a se desligar da família, ao se relacionar, essas crianças fazem coisas juntas, porém sem muito vínculo afetivo, e isso se deve ao egocentrismo.

Após essa breve abordagem sobre o desenvolvimento cognitivo infantil, o qual tem seu entendimento como imprescindível para uma educação adequada; volto a tratar da educação, mais especificamente a educação física. É através da educação que o homem estabelece relações sociais e aprende muito. A palavra educação tem como sinônimos, guiar, conduzir, levar, formar, instruir, dentre outras. A educação também promove o desenvolvimento de capacidades, atitudes e/ou formas de conduta e aquisição de conhecimentos. Deve ser ensinado ao indivíduo a formação humana, para que o mesmo saiba se organizar em um grupo social, para tal ele deve ter responsabilidade, cooperação, auto-respeito, respeito pelos outros, honradez, solidariedade, organização, criatividade, identidade, confiança e carinho, e deve-se ensinar também a capacitação, conhecimentos úteis para viver dentro dessa organização social, como por exemplo: facilitar a apropriação de todas as manifestações da cultura corporal ou motora que sejam relevantes para a convivência em seu meio físico e social.

Não se deve confundir esses dois conceitos acima citados e exemplificados, pois são conceitos distintos. A formação humana relaciona-se com o desenvolvimento da criança como pessoa procriadora, junto com outras, de um espaço humano desejável de convivência social, então, como tarefa educacional, a formação humana tem de criar condições favoráveis que incentivem o crescimento da criança, sendo esta capaz de decidir sozinha pelo “sim” e pelo “não”, e de viver o auto-respeito e o respeito pelos outros. Que a identidade e confiança em si própria não se oponha ou se transforme na diferença em relação aos outros, mas sim no respeito a si própria. O professor tem suas funções quanto à essa formação, algumas delas são: preparar a criança para o presente, o agora, pois o futuro ela viverá mais tarde e é uma incógnita; capacitá-la para fazer ela mesma o seu futuro; fazê-la vivenciar a responsabilidade, a cooperação e a honradez; conscientizá-la de que o mundo

é feito pelos próprios seres humanos, que são capazes de aprender qualquer coisa, já que sua identidade está em seu próprio ser; formar seres com capacidade de pensar em tudo e solucionar problemas com responsabilidade a partir de sua consciência social, consciência esta que deve ser adequadamente formada.

Já a capacitação é a aquisição de habilidades e capacidades de ação no mundo em que vive, são recursos operacionais que a pessoa tem para realizar o que queira vivenciar, por isso como tarefa educacional a capacitação tem de criar espaços de ação onde a criança possa exercitar as habilidades que deseja desenvolver, refletindo sobre o fazer, e ampliando as capacidades desse fazer. As funções do professor para com a capacitação de seu aluno são: ter conhecimento do processo de desenvolvimento humano, para escolher as atividades adequadas e próprias para cada período do desenvolvimento; conhecer as atividades condizentes com a região a qual a criança pertence; respeitar as características individuais e culturais da criança, bem como seus valores e expectativas para o desenvolvimento do processo educativo; não criticar o ser da criança, pois ela é o resultado do meio físico e social onde vive, e criticando-a você atinge a família e sociedade a qual ela pertence; pensando na estruturação de ser da criança, deve-se fazer correções ao seu “fazer”, pois fazendo bem ela se relaciona melhor com as outras pessoas, melhorando então, o seu ser. A aula deve ser um espaço sadio de interação social.

As aulas podem e devem conter atividades que envolvam a socialização da criança, no caso da Educação Física, isto geralmente ocorre através das ações motoras. A criança tem que aprender a conviver com outras crianças, mas isto deve acontecer respeitando o tempo, o desenvolvimento da criança, que em determinada fase é egocêntrica e egoísta, fase esta em que ela se encontra entre os cinco e sete anos, aproximadamente. E respeitar também as diferenças.

“O homem é um ser social. Para se chegar a isso, no entanto, deve-se levar em conta o tempo de maturação biológica, as coordenações espaço-temporais, a formação da imagem corporal, o desenvolvimento do pensamento, dos sentimentos... e muitas outras atividades cooperativas que não podemos esperar de crianças pequenas.” (Freire, 1994, p.160). Uma

boa atitude pedagógica para desenvolver a socialização na criança, é a adoção de atividades em que as crianças tenham que se dividir em grupos, sem que o professor determine os grupos, mas sim, que as crianças se dividam sozinhas. Uma outra maneira de se trabalhar é através da proposta de um jogo sem estabelecimento prévio das regras, desta maneira as próprias crianças vão criando as regras do jogo, e desta maneira elas tendem a não transgredi-las. “Diante da necessidade de jogar em grupo, a criança não tem escolha: ou desiste da idéia ou constrói as regras de que necessita para levar adiante sua prática, a menos que apareça um professor que lhe imponha todas as regras.” (Freire, 1994, p.166). Tão importante quanto a socialização nas aulas de Educação Física, é a presença do fator afetividade. “A afetividade é o território dos sentimentos, das paixões, das emoções, por onde transitam medo, sofrimento, interesse e alegria.” (Freire, 1994, p.170)

Geralmente os professores não estão preparados afetivamente, psicologicamente, para lidar com problemas oriundos de aulas em que as crianças não estão aprisionadas às carteiras, à sala de aula, mas, pelo contrário, estão livres, livres para todo e qualquer movimento. Os professores na maioria das vezes, não são eficazes no ato de orientar os seus alunos em aulas de Educação Física, na perspectiva de um ambiente de autonomia e liberdade, pois para tal, estes professores precisariam ter disponibilidade corporal, o corpo não deve ser rejeitado por estes, os quais tem que ter aprendido a conhecer e a dominar os seus conflitos antes de entrar em contato com os alunos.

Provavelmente, se os professores não possuem a estrutura mencionada acima, se não conseguem lidar com a liberdade dos alunos, também não conseguirão tratar adequadamente de uma questão grave, que é o comportamento agressivo das crianças, podendo até reagirem de maneira igualmente agressiva e repressiva, para com as crianças, o que não deveria acontecer.

A agressividade nos dias de hoje é um problema que está presente nas escolas, não podemos ter a ilusão de que encontraremos uma totalidade de crianças não-agressivas nas escolas. Um pequeno nível de agressividade, não prejudicial, todo ser humano apresenta, o

que não pode acontecer, é o comportamento excessivamente agressivo, que prejudica o desenvolvimento sócio-afetivo da criança.

Segundo De Marco (2000, pg. 229), “Com a espécie humana atingimos o ápice desta longa evolução em que, face a extensa rede citoarquitetural de neurônios desenvolvida no córtex cerebral, o homem adquire sua independência e autonomia, representadas notadamente por processos psíquicos superiores, como a percepção, criatividade, pensamento e linguagem”. Este aparato neuropsicológico constitui a base na qual nos apoiaremos para desenvolvermos nosso trabalho. Onde, através das ações motoras poderemos conscientizar as crianças sobre os comportamentos agressivos por elas manifestadas.

Uma das atitudes que geralmente os professores adotam para com estas crianças, que só serve para reprimir e aumentar a agressividade delas, é a de colocá-las sentadas nas carteiras, imóveis, isto de nada adianta, o mais viável seria desenvolver com elas, atividades que envolvam aspectos afetivos e cooperativos e ajudar essas crianças na formação de suas identidades, pois na medida em que esta vai sendo estruturada, a agressividade tende a desaparecer. O professor deve saber diferenciar autoridade de autoritarismo. A autoridade, se bem utilizada, é boa e necessária em uma aula, pois esta se legitima através de diálogo entre aluno e professor, há discussão das regras e normas, e não imposição, a construção das regras é conjunta, deste modo desenvolve-se a percepção dos alunos para o que pode e o que não pode, e o mais importante é que essa percepção parte deles próprios. Já dizia Freire (1994), em sua obra, que as regras por serem autoritárias e incompreensíveis, eram feitas para serem desobedecidas, as regras precisam ser entendidas pelos alunos, mesmo as mais tradicionais, por isso a criança tem que ter uma verdadeira participação em sua construção, participação ativa, não passiva.

Capítulo 3: Agressividade em Crianças Participantes de um Programa de Educação Infantil.

Ao falar em agressividade em crianças participantes de um programa de educação infantil, convém fazer uma rápida diferenciação entre raiva, comportamento agressivo, agressão e violência, conceitos que foram retirados de um artigo da revista digital do site www.efdeportes.com; Buenos Aires, ano 6, número 31, Fevereiro de 2001.

Segundo Casal e Hokino (2001), a raiva pode ser associada a um estado emocional, o qual varia muito de intensidade e abrange diversos sentimentos, como um simples aborrecimento ou o estado de cólera. Já a agressão, agressividade e a violência, caracterizam-se pela expressão de comportamentos em relação às pessoas, a objetos do meio ou em relação à ela mesma.

Ao associar o sentimento de raiva à ocorrência de agressões, deve-se saber que aquele sentimento é um fator que influencia, porém não é o determinante, outros fatores devem ser levados em consideração, como por exemplo, a personalidade de cada pessoa e o modo como cada um lida com a sua raiva.

Quanto ao comportamento agressivo, polêmicas tem sido estabelecidas pelo fato de em alguns casos esse comportamento ser assumido como positivo e em outros como negativo. Quando o comportamento agressivo e a agressividade se apresentam como uma iniciativa criadora, as pessoas os admiram, já em casos onde esses comportamentos se apresentam como alteração de conduta, sendo nocivos, as pessoas os repudiam. Isto traz uma confusão aos educadores no que se refere ao tratamento que deve ser dado à esses comportamentos. Enfim, a agressividade não é, necessariamente, incondicionalmente, ruim, se ela for utilizada de maneira construtiva, positiva, ela é vista com bons olhos, porém na maioria das vezes, isto não é o que acontece com crianças (Casal e Hokino, 2001).

Nas experiências que tive com crianças da educação infantil; durante a minha pesquisa de iniciação científica; pude notar que geralmente, o comportamento agressivo apresentado por elas, não era positivo. As crianças mostravam intenção de ferir o outro, ou então os feriam para atingir algum objetivo. Geralmente eles chutavam, beliscavam, mordiam uns aos outros.

O modo como a agressividade é vista também varia de sociedade para sociedade, pois cada uma tem sua cultura e cada cultura tem os seus valores perante à agressividade.

Segundo Casal e Hokino (2001), muitas vezes o comportamento agressivo de uma criança, pode ser um desvio de outros sentimentos, como mágoa, insegurança, medo e outros. Pois a criança não sabendo lidar com estes, ela os expressa através de atos agressivos.

Considerando o desenvolvimento da criança e relacionando-o à agressividade, percebe-se que é por volta dos três ou quatro anos, que começa a se notar mais claramente manifestações de tal comportamento. Professores que atuam com essa faixa etária sabem muito bem o que é isso, é comum essas crianças apresentarem condutas agressivas entre elas e também contra os adultos, geralmente elas mordem, chutam, batem ou beliscam. É através desses comportamentos, que a criança controla o ambiente, satisfaz suas necessidades, manipula os outros. A agressividade na criança dessa faixa etária não desaparece por completo com o passar do tempo, porém através de uma educação adequada e voltada para este fim, a criança aprende que existem outros meios de se defender e obter o que deseja. Na escola, quando uma criança apresentar um comportamento agressivo, o professor deve ensiná-la que aquilo não é necessário. Por exemplo; deve-se dizer e mostrar à uma criança que puxa o brinquedo da mão de um colega, que o correto é pedir o brinquedo ou pedir para brincar junto ou ainda chegar a um acordo sobre a divisão desse brinquedo; dessa maneira a criança pode aprender outros modos de agir frente a um conflito.

Esse aprendizado deve se iniciar na educação infantil, na fase em que começam os indícios de manifestação da agressividade, pois a criança que não aprende desde cedo como agir em

situações conflitantes, tem grandes chances de se tornar um adolescente e até um adulto agressivo.

Em uma entrevista dada para a revista Istoé, de 8 de abril de 1998, retirada da Internet, o professor da USP, Yves de La Taille, disse ser a agressividade um sentimento natural, que deve ser controlado para não causar grandes danos à formação da personalidade da pessoa.

De La Taille (1998), também falou na entrevista, sobre os possíveis motivos que levam uma criança a ser agressiva no mundo moderno em que vivemos. O fato das crianças hoje em dia, serem precocemente expostas à busca do sucesso, à auto-superação, faz com que os pais as sobrecarreguem de obrigações, como frequentar vários cursos extras, por exemplo. O que faz com que muitas vezes, ela não consiga cumprir todas as tarefas com êxito, se sentindo então fracassada, envergonhada e frustrada de não ter satisfeito as cobranças de seus pais, e essa vergonha é projetada em outras áreas. A busca pela superação desse sentimento, geralmente faz com que a criança caminhe em direção à agressividade.

Isso tudo ocorre porque os pais querem preparar a criança para o mercado de trabalho cada vez mais cedo, esquecendo-se de que ela também precisa brincar. Outro ponto importante lembrado por ele, foi o fato de que existem pais que delegam a tarefa de educar, totalmente à escola, o que não deve acontecer. Segundo De La Taille (1998), a família se constitui como um núcleo muito importante na vida da criança, no seu processo de desenvolvimento, os pais devem assumir o papel de guias, os primeiros passos da criança no mundo dependem deles, por isso aqueles pais que não se julgam capazes de educar bem seus filhos, devem trabalhar esse fato. Não se pode abdicar da educação de um filho.

Uma coisa que os educadores e principalmente os pais confundem, é que ser afetivo não é sinônimo de ser permissivo, quando se é afetivo não é necessário satisfazer todos os desejos da criança e sim impor limites, ensinar. A criança quer esse limite, ela gosta de se sentir cuidada. Entretanto, não se deve impor limites agressivamente, pois deste modo, a criança toma tal atitude como correta, como exemplo, ela entenderá que as relações interpessoais são baseadas nessa agressividade e não aprenderá que o correto nesse caso é estabelecer

diálogo e se dispor a ouvir os outros, o que é ruim para a formação da criança em uma sociedade democrática, em que as pessoas tem liberdade de expressão.

Um outro artigo muito interessante, também retirado da Internet, de autoria de Ballone, G. J.(2001), site de psiquiatria geral, trata da questão de que a agressividade manifestada na educação infantil, evolui de forma negativa com o passar do tempo. Adolescentes e jovens que se destacam por apresentarem comportamentos agressivos, podem possuir um histórico de condutas agressivas em idades precoces, como por exemplo na educação infantil. O autor, ao conceituar criança agressiva, ele o faz através da compreensão do conceito de reação vivencial. Conforme esse conceito, uma criança agressiva seria aquela que apresenta reações vivenciais hostis, recorrentes e desproporcionais aos estímulos, para a resolução de conflitos ou para atingir um objetivo. Esse conceito de reação vivencial; não normal; ressalta os seguintes aspectos: frequência excessiva e desproporção do comportamento e dificuldade adaptativa.

O autor faz associação entre agressividade e alguns traços da personalidade. Crianças que são simultaneamente agressivas e retraídas, por exemplo, possuem mais dificuldade de adaptação do que as só agressivas ou só retraídas. O que nos faz pensar que a associação de várias condutas desadaptadas, aumenta a possibilidade da criança apresentar problemas mais sérios de agressividade.

Quando manifestada na criança em faixa etária situada na educação infantil, a agressividade tende a continuar e se ainda for combinada à outras condutas desadaptadas a evolução é muito pior.

Ballone (2001), segue dizendo que ao se pensar em fatores que estimulam a agressividade, eles podem ser vistos sob dois aspectos: a pessoa e o meio.

Quando pensamos na pessoa, temos que levar em conta o seu temperamento. O temperamento da criança se caracteriza como um aspecto próprio dela, o qual pode ser notado desde o nascimento. Pessoas que trabalham em berçários de hospitais testemunham diferenças entre os bebês. Existem aqueles que choram mais, gritam, resmungam e existem

aqueles que dormem mais, ficam quietos, calmos. São essas diferenças que falam a favor de força do temperamento e da constituição na maneira da pessoa se relacionar com o mundo. O temperamento, que determina o modo como a pessoa se relaciona com a realidade, pode atuar como um moderador das relações interpessoais das crianças com seus pais. Desse modo, baseando-se nesse conceito, entende-se que a criança mais ativa, intensa, irritável, demonstra maior probabilidade de reagir de forma agressiva diante de pequenas dificuldades, seja com seus pais, professores ou outros com que ela se relaciona.

Uma relação mãe e filho deficiente e problemática; a qual geralmente é criada pela própria criança que possui temperamento explosivo, causando desse modo estresse na relação; pode ser um início do desenvolvimento de condutas agressivas na criança.

Sempre se disse que meninos são mais agressivos que as meninas, porém isso tem mudado e é muito provável que essa mudança se deva às alterações sócio-culturais da sociedade moderna (Ballone, 2001).

Essas diferenças de gênero no que tange à agressividade, emergem na educação infantil com o processo de socialização da criança. O autor, Ballone (2001); lança a hipótese de que a menina se desenvolve psicoemocionalmente mais cedo que os meninos, por isso ela se mostra mais madura que um menino da mesma idade. Essa maturidade da menina também é explicitada através de algumas defasagens dos meninos da mesma idade, em relação à linguagem e nas habilidades motoras.

Meninas costumam desenvolver condutas cooperativas antes dos meninos, situação que se aplica ao ambiente escolar, já os meninos geralmente desenvolvem condutas competitivas com mais facilidade do que condutas cooperativas. O que favorece um modelo comportamental mais agressivo (Prior, Smart, Sansom e Oberklaide, apud BALLONE, 2002).

Em seu artigo, Ballone (2001), cita que estudos realizados na Europa e Estados Unidos, com menores infratores, indicam que o fator sócio-econômico das famílias seria a principal

causa do comportamento delinquente naqueles países. Porém essa visão que aponta o fator sócio-econômico como “principal”, se torna acanhada, uma vez que nos cega para outros fatores. Pois se tratando de um problema do ser humano; da personalidade do ser humano delinquente; este é o principal responsável pelo seu comportamento e não a sua situação sócio-econômica.

Pensando sobre o papel dos pais na educação de seus filhos, temos que aceitar a idéia deles como modelo de comportamento para seus respectivos filhos. Pais que apresentam traços anti-sociais não são bons modelos para as crianças, eles são considerados fatores de risco na formação da personalidade da criança (Patterson e Bank, apud BALLONE, 2002). Esses pais com atitudes anti-sociais podem ter dificuldade de demonstrar aos seus filhos incentivo e aprovação em casos de boas atitudes dos mesmos. Geralmente esses pais são muito permissivos quando deveriam ser mais duros e em outros momentos são muito severos e agressivos quando não precisam ser.

No caso específico da mãe, Ballone (2001), diz que talvez elas sejam as principais responsáveis no que diz respeito ao reforço de condutas agressivas dos filhos. Ele diz que as mães tem dificuldade em impor limites aos filhos e muitas vezes são superprotetoras, ou então são totalmente o oposto, sendo negligentes. Nesses dois casos ocorrem prejuízos na educação, o resultado são pessoas sem tolerância à frustração. Pessoas assim costumam usar da força para conseguir o que querem. Essas mães na maioria das vezes pensam que ser boa mãe é deixar o seu filho fazer o que deseja, é ser permissiva ao extremo. Ou então, pensam que ao agir daquele modo estarão sendo moderninhas, joviais.

Voltando à questão dos fatores influenciadores no nível de agressividade da pessoa, além daquele relativo a própria pessoa, o ser humano; sobre o qual falamos um pouco acima; temos também o meio em que a criança está inserida, as coisas que ocorrem nesse meio; o qual pode ser a família, a escola e outros; o ambiente perturba a criança e ela geralmente não possui habilidade para lidar com essas perturbações e é aí que podem ocorrer comportamentos agressivos. Esse comportamento geralmente é construído na criança como resultado de sua interação com o meio. Um desses meios, pode ser a escola; se a criança a

frequentar; e nesse caso, nós educadores devemos ajudar essa criança a lidar com esses sentimentos os quais podem resultar em agressões.

Nós também servimos de modelo para nossos alunos, as crianças observam os comportamentos das outras pessoas e deste modo se ela tem o modelo de um professor autoritário, isto pode desencadear na criança sentimento de hostilidade e se ela tem dificuldade em lidar com esse sentimento ou se já apresentar tendência à comportamentos agressivos, pode ser alta a probabilidade de que ela reaja agressivamente em relação ao professor.

A criança que é recompensada com agressão e aquela que vê muita agressão, se torna mais agressiva do que aquela que não vê e não é recompensada com agressão (Ballone, 2001).

Quando a escola não consegue lidar com a agressividade das crianças, o ambiente se torna altamente propício para o desenvolvimento da agressividade, pois uma criança assim provoca hostilidade e rejeição dos colegas e isso pode gerar uma atitude defensiva e fazer com que ela tente sempre se impor através da violência.

A escola não é e não deve ser totalmente responsável pela educação das crianças, não é somente na escola que a criança deve ser educada a não ser agressiva. Porém essa instituição é muito importante na vida da criança, consequentemente deve ser um local dotado de profissionais devidamente capacitados para lidar com os problemas característicos das diversas faixas etárias.

Em alguns casos, como o relatado em um artigo escrito por Schmidt (2002), os professores não estão preparados para lidar com crianças e acabam agindo de forma errada com elas, causando situações de pequenas violências diárias, as quais acabam com a autoconfiança e com a auto-estima dos indivíduos, que é o que eles tem de mais precioso. Essas pequenas violências, vão deixando a criança descrente, dura com os outros, pois; voltando a idéia de modelo; esse é o modelo de relacionamento que essa criança vai ter com esses professores.

Lapierre (2002), especialista em educação infantil, o qual concedeu uma entrevista ao site educacional, diz que quando se trata de agressividade, o “mal deve ser cortado pela raiz”, nos primeiros anos de vida, quando começam os sinais de manifestação. Segundo ele é entre os 0 e 3 anos que a criança cristaliza sua personalidade e é nessa faixa etária que a atuação do adulto é mais decisiva na formação do indivíduo.

A psicomotricidade relacional, criada pelo autor acima, consiste em fazer com que a criança manifeste seus conflitos profundos, vivendo-os simbolicamente, através da criação de um espaço de liberdade propício aos jogos e brincadeiras. Na área educativa, esse tipo de atuação servia de precaução contra o surgimento de distúrbios emocionais, motores e de comunicação que possam dificultar a aprendizagem.

Ele diz que a psicomotricidade relacional é um método, uma maneira de atuar, uma possibilidade de estabelecer uma comunicação mais humana, mais verdadeira, sem a utilização da fala propriamente dita e não só com crianças, mas com qualquer pessoa. Ele atribui importância para a aplicação desse método em crianças de 0 a 3 anos, pois nessa idade estão construindo sua personalidade e quanto mais contato tivermos nessa faixa etária, menos problemas teremos com crianças maiores.

A atuação do psicomotricista se dá através de brincadeiras, no nível simbólico, ele não se coloca como observador, mas sim como participante, ele se põe dentro da relação. É no nível simbólico que atuam todos os fantasmas da criança, ela expressa aquilo que ela não pode viver na realidade, dá vazão ao que está reprimido. Nesse momento o psicomotricista busca decodificar porque a criança fez tal coisa, porque agiu daquele modo e não de outro. Ele tenta relacionar tudo isso com a vida da criança.

Quanto à manifestação de agressividade na criança, Lapierre (2002), diz existirem duas fases diferentes nessa manifestação. Na primeira aparece a pulsão de violência, o desejo de matar o poder do adulto. Com isso ela quer dizer: “Eu tenho meu próprio desejo, não tenho o seu desejo.” Aí se segue então a segunda fase, a de domesticar o adulto, quando ela diz: “Eu quero fazer isso”, “quero fazer aquilo”. Essas duas fases são vividas na

psicomotricidade relacional e para Lapierre, é importante que se possa vivê-las simbolicamente para que isso não caia no nível do inconsciente, onde não se pode controlar.

Lapierre (2002), foi perguntado sobre a formação de um psicomotricista, qual o pré-requisito básico nessa formação. Ele disse que a pessoa precisa estar disponível, não apenas intelectualmente, mas também corporalmente e isto é difícil. O que ele diz ser mais significativo é o contato corporal, é a disponibilidade da criança tocar o corpo do adulto e ele também se deixar disponível para o toque da criança. Ele ressalta a importância do fato do adulto não se relacionar com o poder de ensinar, de saber o que se deve fazer, mas se colocar como parceiro para receber, mais do que para dar. Nessas condições pode-se estabelecer uma relação totalmente diferente.

Uma criança com uma história de vida complicada; uma primeira infância complicada; certamente terá conflitos que se alojarão no inconsciente. Elas não são conscientes de seus problemas, desse modo, elas os projetam e expressam de outros modos, inclusive durante a adolescência. É durante a adolescência que uma pessoa retoma seus conflitos da primeira infância.

O autor também fala sobre a aplicação desse método nas escolas. Ele diz que geralmente, o que ocorre, é que as escolas determinam um tempo durante os trabalhos da semana para se desenvolver a psicomotricidade relacional, normalmente as sessões duram de uma a duas horas por semana e na maioria das vezes pode ocorrer durante as aulas de educação física. Porém existem escolas que incluem o método no seu cotidiano, em todas as suas atividades, existindo assim um pouco do método a todo momento.

Ao final da entrevista ele discorre um pouco sobre como é difícil incluir a psicomotricidade nos cursos de formação de professores, principalmente a relacional. É difícil integrar isso à universidade, dentro dos estudos clássicos. Toda a parte de formação pessoal não entra nos cursos habituais, para ele todo professor deveria passar por uma formação motriz, afinal não somos só intelecto.

Quanto ao levantamento sobre o assunto delimitado, o volume de informações obtido não foi muito grande. Nas fontes as quais tive acesso não existem muitos livros que falem especificamente sobre a agressividade na educação infantil, porém aqui estão alguns que trazem pesquisas que foram realizadas nesta área.

A obra de Megargee-Hokanson (1976), traz uma pesquisa sobre o controle de agressão no jardim de infância nos Estados Unidos. Constatou-se que a maneira mais eficaz de combater a agressão naqueles alunos não era a punição, o que só reforçava o comportamento agressivo, pois segundo os pesquisadores, quando os alunos se comportavam agressivamente, a motivação que tinham era a de chamar a atenção para si, o que conseguiam com a punição. Portanto, constatou-se que as agressões deveriam ser ignoradas totalmente, a intervenção só ocorreria em caso de risco e ao mesmo tempo, deveria-se premiar comportamentos cooperativos entre os alunos, o que deu bons resultados.

Uma outra obra pesquisada, foi um livro de Claire Colombier, et al. (1989), que se dedica integralmente ao estudo da violência em uma escola da França, só que neste caso o estudo foi realizado com adolescentes e não no jardim de infância.

Na conclusão da obra, dentre outras coisas, fala-se sobre a elaboração de leis dentro da escola, que deve ocorrer de um modo democrático, em que todos devem opinar, sendo que dessa maneira acredita-se numa diminuição da agressividade. Vale ressaltar o conceito de leis para os autores: "...por leis não entendemos um jugo totalitário, mas um conjunto de coisas convencionadas, progressivamente integradas e válidas para todos: espécie de "moeda" da socialização, assim é que a lei é o "grande corte" que torna possível a linguagem e a comunicação."(Claire Colombier, et al., 1989, p.140).

Conclusão

Ao final desse trabalho, me sinto muito realizada, pois acredito ter atingido o objetivo ao qual me propus no início do mesmo. Também aprendi bastante durante sua realização, pude confirmar muitas de minhas teses, outras tive de rever, porém tudo isso me foi muito gratificante.

A agressividade em crianças de 0 a 6 anos é uma realidade, em que algumas manifestam mais claramente, umas nem tanto e outras até não manifestam. Sendo assim nós educadores, profissionais da área de educação física temos que estar atentos à esse fato, pois a escola é um ambiente que faz parte da vida cotidiana da criança que a frequenta, desse modo, essa instituição também participa de sua educação.

Devemos nos preocupar com o desenvolvimento adequado de nossos alunos, para tal devemos estar bem preparados para lidar com os problemas que na certa surgirão. E ao pensar na questão da agressividade nas crianças, como já foi dito anteriormente, se esta não for devidamente trabalhada na primeira infância, no sentido de canalizá-la para ações positivas, a criança pode se tornar um adolescente e até um adulto agressivo.

Concluí-se então, que a educação física através de seus conteúdos (brincadeiras, jogos, dança, esporte, ginástica e lutas) se torna muito importante para o desenvolvimento de uma criança saudável, pois através das brincadeiras e dos jogos a criança externa simbolicamente vários sentimentos que ela não pode externar na realidade. Através da brincadeira ela aprende a lidar com variados tipos de emoções, desempenha de forma lúdica papéis sociais e começa a exercitar o complicado mundo de regras, presente em nossa cultura.

Através do jogo ela também aprende a ser mais cooperativa, aprende que a colaboração entre os membros de um grupo é a forma mais eficaz de se atingir algum objetivo.

No caso específico da agressividade, os jogos e brincadeiras de luta, assim como os que envolvem perseguição e fuga, ajudam a criança a lidar ludicamente com o medo e as ações decorrentes dele: a fuga e o enfrentamento. Por ser uma brincadeira, a criança vive prazerosamente essas sensações e aprende conscientemente controlar suas emoções e impulsos, o que será muito útil na vida adulta.

Diante dessa análise, um profissional de educação física que se propuser a trabalhar com a educação infantil, deve estar ciente que através de seu trabalho; se bem feito; pode contribuir para que seu aluno se torne um adolescente e um adulto sociável, bem formado e com controle de seu comportamento agressivo.

Referências Bibliográficas:

ALFERMANN, Dorothee. Teacher-Student Interaction Patterns in Student Groups. In: Auweele, Y.V.; Bakker, F.; Durand, M.; Biddle S. e Seiler R. (editors): Psychology For Physical Educators, 1999.

BALLONE, G. J. (2002) Violência e agressão; da criança, do adolescente e do jovem. <http://www.uol.com.br/gballone/infantil/conduta2.html>. Acesso em: 26 out. 2002.

BUSS, A. H.. The psychology of aggression. New York: Wiley, 1961.

CANDAU, V.M. (org.) Reinventar a escola. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CARVALHO, Maria Cecília M. de. Construindo o saber – Metodologia científica: Fundamentos e técnicas. Campinas, SP: Papirus, 12 ed., 2002.

COLOMBIER, Claire , MANDEL, Gilbert, PERDRIault, Marguerite. A violência na escola (tradução de Roseana Kligerman Murray). São Paulo: Summus, 1989.

CORSINI, Cristina F. (1998) Agressividade infantil – É agressivo ou está agressivo??? –Eis a questão-.
http://www.kakamor.hpg.ig.com.br/ciência_e_educacao. Acesso em: 16 out. 2002.

DAÓLIO, Jocimar. Educação Física escolar: uma abordagem cultural. In: Piccolo, Vilma L. Nista. (org.) Educação física escolar: ser... ou não ter?. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 3 ed., 1995.

DE LA TAILLE, Yves (1998) Você dá conta deles?.
<http://www.zaz.com.br/istoe/comport/148838.htm>. Acesso em: 14 de outubro 2002.

DE MARCO, A. Emoções no esporte: implicações biológicas e psicológicas das manifestações de agressividade. In: Wagner Wey Moreira e Regina

Simões (Orgs.) Fenômeno esportivo no início de um novo milênio.
Piracicaba/SP: Unimep, 2000.

FREIRE, J. B. Educação de corpo inteiro. São Paulo: Scipione, 4 ed., 1994.

GESELL, Arnold. A criança dos 0 aos 5 anos. São Paulo: Martins Fontes, 3 ed., 1992.

HILDEBRANDT, R. Visão didática da educação física. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1991.

HOKINO, Milton H. e CASAL, Hiram M. Valdés (2001) A aprendizagem do judô e os níveis de raiva e agressividade,
<http://www.efdeportes.com/efd31/raiva.htm>. Acesso em: 23 de março 2002.

LAFONT, Lucile. Co-Operation and Competition in Children And Adolescents, In: Auweele, Y.V.; Bakker, F.; Durand, M.; Biddle S. e Seiler R. (editors): Psychology For Physical Educators, 1999.

LAPIERRE, André (2002) Tudo está bem se começa bem.
<http://www.educacional.com.br/entrevistas/entrevista0080.asp>. Acesso em: 26 de outubro 2002.

LE BOULCH, J. A educação pelo movimento: psicocinética na idade escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

MARCOEN, Alfons. Social development. In: Auweele, Y.V.; Bakker, F.; Durand, M.; Biddle S. e Seiler R. (editors): Psychology For Physical Educators , 1999.

MEGARGEE, Edwin I. e HOKANSON, Jack E. (org.) A dinâmica da agressão: análise de indivíduos, grupos e nações. São Paulo: Editora da Universidade de S. P.- EDUSP, 1976.

MONTAGU, Ashley. A natureza da agressividade humana. Rio de Janeiro: Zahar editores. Tradução de Maurício Mower, 1976.

MOREIRA, W. Wey. Educação Física escolar: a busca da relevância. In: Piccolo, Vilma L. Nista. (org.) Educação física escolar: ser... ou não ter?. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 3 ed., 1995.

MOSER, Gabriel. A Agressão. São Paulo: Ática, 1991.

MUSSEN, Paul H., O desenvolvimento psicológico da criança. Rio de Janeiro: Zahar editores, 10 ed., 1982.

PARRA, N. O adolescente segundo Piaget. São Paulo: Pioneira, 1993.

PIAGET, J. O nascimento da inteligência na criança. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PICCOLO, Vilma L. Nista. (org.) Educação física escolar: ser... ou não ter?. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 3 ed., 1995.

PORTO, Eline; FIAMENGHI, Maria Cristina; WINTERSTEIN, Pedro José. Reflexões sobre os fenômenos agressivos e o esporte. Revista Metropolitana de ciências do movimento – Faculdade de Educação Física (FMU) nº3/anoIII/1997.

SCHMIDT, Andréia (2002) A violência de que se fala e a violência que se vive. <http://www.educacional.com.br>. Acesso em: 26 de outubro 2002.

_____. O papel da família e da escola na agressividade infantil. <http://www.educacional.com.br>. Acesso em: 16 out. 2002.

SNYDER, G. Alunos Felizes. São Paulo: Paz e Terra, 1993.

THIRER, Joel. Aggression. In: Singer, R. N. Murphy, M. & Tennant, L. K. Handbook of Research on sport psychology. New York: Macmillan, 1993.